



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

Vladimir S. Soloviov: poemas

Vladimir S. Soloviov: poems

Autora: Aurora F. Bernardini
Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil
Edição: RUS, Vol. 14. Nº 24
Publicação: Maio de 2023
Recebido em: 26/04/2023
Aceito em: /00/2023

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2023.211070>

BERNARDINI, Aurora F.
Vladimir S. Soloviov: poemas.

RUS, São Paulo, v. 14, n. 24, pp. 163-172, 2023.



Vladimir S. Solovióv: poemas

Aurora F. Bernardini*

Resumo: Este trabalho apresenta as traduções poéticas de cinco poemas do filósofo e poeta russo Vladimir Solovióv.

Abstract: This work presents the poetic translations of five poems by the russian philosopher and poet Vladimir Solovyov.

Palavras-chave: Vladimir Solovióv; Poesia Russa; Tradução

Key words: Vladimir Solovyov; Russian Poetry; Translation

* Universidade de São Paulo.
Professora de Pós-graduação em
Letras Estrangeiras e Tradução
(Russo) e Teoria Literária e
Literatura Comparada. Tradutora,
ensaísta e crítica literária.
<https://orcid.org/0000-0002-2559-7080>; <http://lattes.cnpq.br/0643870323205203>; ber-naur2@yahoo.com.br

Vladímir S. Solovióv (1853-1900), além de poeta, era filósofo por experiência e por formação, teólogo e, pela linha de pensamento que se revela nos comentários a seguir, no que diz respeito à vertente teológica de seus escritos, pode ser chamado de “místico cristão”. Amigo do poeta Afanási Sénsin-Fet e inspirador, como este, dos versos de Aleksánder Blok (1880-1921) e de Andréi Biéli (1880-1934), apesar de não se dizer “simbolista”, como seus grandes contemporâneos Dostoiévski e Tolstói, propunha encontrar o sentido do ser no amor para com a humanidade, mas o fazia de um modo muito peculiar, naquilo que ele chamou de *vsieedínstvo* (todo-união). Trata-se da união não fragmentada de cada um com o todo, em que conhecedor, conhecido e desconhecido não podem ser externos um ao outro: “Terra-soberana! A ti curvei a testa,/ E por toda tua olorosa veste/ Senti a chama de uma alma congénial,/ Ouvi o palpitar de uma vida universal./ (...) E no claro mistério de novo a união vem/ da alma terrena e do mundo do além”. Trata-se de uma cosmogonia acrescida de certa aura lírico-sensual.

Esse “desconhecido” pode ter a ver com o “divino”, com “o além”, com “o mundo transcendente”, e pode ser descortinado (desvelado, diz o poeta) através da arte, ligada à imaginação, que tem uma componente afetiva, mais do que à fantasia, que – de acordo com o poeta – é uma criação apenas mental. É escuso dizer que o sonho é um dos meios mais privilegiados e o

próprio “visível” é o símbolo de um mistério, o eco de recônditas harmonias. Consequentemente, a alegoria – etimologicamente, o ato de falar sobre uma outra coisa – é, para ele, mais importante do que o silogismo, visto como inferência baseada na dedução.

E ainda que Solovióv não se considere um simbolista, como dito acima, como não notar ecos de uma de suas mais marcantes alegorias, como no poema “O Eterno Feminino” (“Mas saibam: hoje o eterno feminino/ Em corpo incorpóreo na terra desceu./ Na luz perene da nova divindade/ Com o abismo das águas fundiu-se o céu.”), nos versos visceralmente simbolistas do ciclo de poemas sobre “a Bela Dama” de Aleksáedr Blok? (aqui, na tradução de Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman, na coletânea *Poesia Russa Moderna*, Brasiliense, 1985):

No templo de naves escuras,
Celebro um rito singelo.
Aguardo a Dama Formosura
À luz dos velários vermelhos.

À sombra das colunas altas,
Vacilo aos portais que se abrem.
E me contempla iluminada
Ela, seu sonho, sua imagem.

Acostumei-me a esta casula
Da majestosa Esposa Eterna.
Pelas cornijas vão em fuga
Delírios, sorrisos e lendas.

São meigos os círios, Sagrada!
Doce o teu rosto resplendente!
Não ouço nem som, nem palavra,
Mas sei, Dileta – estás presente.

(1902)¹

¹ CAMPOS, H.; CAMPOS, A.; SCHNAIDERMAN, B. *Poesia Russa Moderna*: nova antologia. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 34.

A memória (o resgate do passado), o sonho (a antecipação do eterno, do invisível), o amor (a obtenção das asas perdidas, a força redentora diante da qual o mal se torna impotente) e a ressurreição (que se tornará possível graças ao “Eterno feminino”, imagem terrena desse amor) são os grandes temas, revelados – em parte – por alguns dos seus poemas que traduzimos aqui.

Os poemas são numerados de acordo com a sétima edição dos *Poemas (Stikhotvoriênia)*, de 1921. (Cf. nota bibliográfica de Leone Pacini Savoj em *Vladimir S. Solov'ev – Poesie*, Fussi Editore, Firenze, 1949). Os textos aqui traduzidos a partir do original russo foram retirados dessa mesma publicação bilíngue (russo e italiano), sendo que a ordem dos poemas não obedece à cronologia, mas à apresentação dos temas tratados).

As principais obras de Vladímir Solovióv são: *Смысл любви* (O sentido do amor); *Оправдание добра* (A justificativa do bem); *Жизненная драма Платона* (O drama existencial de Platão); *Три разговора о войне, прогрессе, и конце всемирной истории* (Três diálogos sobre a guerra, o progresso e o fim da história mundial); *Три речи в память Достоевского* (Três discursos em memória de Dostoiévski); *Повесть об Антихристе* (A novela do Anticristo).

(XIV)

Бескрылый дух, землю полоненный,
Себя забывший и забытый бог...
Один лишь сон – и снова, окрыленный,
Ты мчишься ввысь от суетных тревог.

Неясный луч знакомого блистанья,
Чуть слышный отзвук песни неземной, –
И прежний мир в немеркнущем сияньи
Встает опять пред чуткою душой.

Один лишь сон – и в тяжком пробуждени
Ты будешь ждать с томительной тоской
Вновь отблеска нездешнего виденья,
Вновь отзвука гармонии святой.

[1883]

(XIV)*

Espírito áptero, da terra refém,
Deus esquecido e de si deslebrado...
Basta-te um sonho e novamente alado
Te alças no espaço, das ânsias além.

Um fraco reflexo da luz costumeira,
Da santa harmonia um perceptível som, --
E o mundo de antes no inextinguível sol
Da alma afiada se ergue à dianteira.

Um sonho te basta – e no grave acordar
Da celeste visão o esplendor renovado,
O eco, de novo, da harmonia primordial,
Com pena extenuante tu hás de esperar.

[1883]

(XXI)

Земля–владычица! К тебе чело склонил я,
И сквозь покров благоуханный твой
Родного сердца пламень ощутил я,
Услышал трепет жизни мировой.

В полуденных лучах такую негой жгучей
Сходила благодать сияющих небес,
И блеску тихому несли привет певучий
И вольная река, и многошумный лес.

И в явном таинстве вновь вижу сочетание
Земной души со светом неземным,
И от огня любви житейское страданье
Уносится, как мимолетный дым.

[1886]

(XXI)

Terra-soberana! A ti curvei a testa,
E por toda tua olorosa veste
Senti a chama de uma alma congenial,
Ouvi o palpitar de uma vida universal.

Nos raios quentes de tal satisfação
Dos céus luminosos descia a benção,
E um aceno ao esplendor silente
Traziam o rio caudal e a floresta
rugiente.

E no claro mistério de novo a união vem
da alma terrena e do mundo do além,
E do fogo do amor as dores da vida
Qual fumo fátuo se esvaem em seguida.

[Pustynka, 1886]

(XLVII)

О, что значат все слова и речи,
Этих чувств отлив или прибой
Перед тайною нездешней нашей
встречи,
Перед вечною, недвижною судьбой?

В этом мире лжи – о, как ты лжива!
Средь обманов ты живой обман.
Но ведь он со мной, он мой, тот миг
счастливый,
Что рассеет весь земной туман.

Пусть и ты не веришь этой встрече,
Всё равно, – не спорю я с тобой.
О, что значат все слова и речи
Перед вечною, недвижною судьбой?

[1892]

(XLVII)

Oh, do que valem palavras, sermões,
O fluxo ou refluxo dessas sensações
Diante do encontro secreto, encantado,
Diante do eterno, irremovível fado?

No mundo de enganos tu mentes sem
erro!
No meio de enganos, és o engano vivo,
Mas vê, eu o tenho, e o instante festivo
Dissipa a neblina que é própria da terra.

Em nosso encontro se queres não
acredite,
Não faz mal, não vou brigar contigo.
Oh, do que valem palavra e discurso
Diante do imóvel fado, o eterno curso?

[1892]

(CIII)

Les Revenants

Тайною тропинкою, скорбною и милою,
Вы к душе пробрались, и – спасибо вам!
Сладко мне приблизиться памятью унылою
К смерти занавешенным, тихим берегам.

Нитью непонятною сердце все привязано
К образам незначущим, к плачущим теням.
Что-то в слово просится, что-то недосказано,
Что-то совершается, но - ни здесь, ни там.

Бывшие мгновения поступью беззвучною
Подшли и сняли вдруг покрывала с глаз.
Видят что-то вечное, что-то неразлучное
И года минувшие, как единый час.

[1900]

(CIII)

Les Revenants²

Por uma senda oculta, triste e querida,
Entrastes furtivos n'alma – por isso, obrigado!
É doce aproximar-me na memória afligida
Àquelas margens quietas, pela morte veladas.

O coração está preso por imperscrutável fio
A imagens incorpóreas, a sombras a chorar.
Algo quer ser palavra, algo que não foi dito,
Mas nem aqui nem lá irá se realizar.

Os momentos passados, em silencioso andar
A desvendar o olhar chegaram de repente.
Veem algo de eterno, algo de inseparável
Veem os anos passados como um único instante.

[1900]

² Em francês, no original (Os que retornam). Trata-se do espírito de pessoas falecidas que retorna ao plano mortal como um fantasma visível.

Das Ewig-Weibliche³

.....

Помните ль вы, как у этого моря,
Там, где стоял Амафунт и Пафос,
Первое в жизни нежданное горе
Некогда вам испытать довелось?

Помните ль розы над пеною белой,
Пурпурный отблеск в лазурных волнах?
Помните ль образ прекрасного тела
Ваше смятенье, и трепет, и страх?

Та красота своей первою силой,
Черти, не долго была вам страшна;
Дикую злобу на миг укротила,
Но покорить не умела она.

В ту красоту, о коварные черти,
Путь себе тайный вы скоро нашли,
Адское семя растленья и смерти
В образ прекрасный вы сеять могли.

Знайте же: вечная женственность ныне
В теле нетленном на землю идет.
В свете немеркнущем новой богини
Небо слилося с пучиною вод.

[1898]

Das Ewig-Weibliche⁴

.....

Lembram-se como, perto desse mar,
Lá onde se erguiam Amatunte e Pafos⁵
De sua vida o primeiro inesperado mal
Ocorreu-lhes sofrer um dia, sem igual?

Lembram-se da rosa, sobre a espuma alvar,
O purpúreo brilho nas ondas cor de anil?
Lembram-se da imagem do corpo estrutural,
Sua perturbação, seu trepidar sem brio?

Aquela beleza em sua força primordial,
Seus traços, não estranharam longamente;
Soube amansar o mal selvagem num momento,
Mas não soube domá-lo por mais tempo.

Naquela beleza, ó demônios insidiosos,
Souberam logo achar um secreto lugar,
E o sêmen infernal da morte e corrupção
Na vaga imagem puderam semear.

Mas saibam: hoje o eterno feminino
Em corpo incorpóreo na terra desceu.
Na luz perene da nova divindade
Com o abismo das águas fundiu-se o céu.

.....

[Arquipélago grego, 1898.]

3 Em Alemão, no original (O Eterno Feminino)

4 O Eterno Feminino (do original alemão).

5 Locais da ilha de Chipre relacionados com o culto da deusa Afrodite.

Referências Bibliográficas

CAMPOS, H.; CAMPOS, A.; SCHNAIDERMAN, B. *Poesia Russa Moderna: nova antologia*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PACINI SAVOJ, L. *Vladimir S. Solov'ev - Poesie*. Fussi Editore: Florença, 1949.

SOLOV'ËV, V. S. *Stikhotvoriênia*. Moscou, 1921. In Leone Pacini Savoj . *Vladimir S. Solov'ev – Poesie*, Fussi Editore, Florença, 1949.